

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.12012017149-159>

A RECONCILIAÇÃO ENTRE O HUMANO E O SAGRADO EM *UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES*, DE CLARICE LISPECTOR

Ana Maria Ferreira Torres*

Antônio Máximo Gomes Ferraz**

Resumo: A questão da autonomização reivindica, na tradição moderna, leis específicas para o estético, normas capazes de independizá-lo de imperativos cívicos e morais. Já ler o objeto estético contemporâneo implica, por sua vez, uma estratégia dúplice que contemporiza dois valores antagônicos: a entrega e a resistência à interpretação; e ambos exigem romper com a acumulação de valores instrumentais, mas também quebrar a memória, o que, certamente, conota certo irracionalismo. Paralelamente, e à diferença das vanguardas históricas, a situação contemporânea reinscreve essa ruptura em um contexto específico, o espaço imanente de uma experiência que arranca o sujeito de toda certeza pré-moldada. Mais do que traçar inequívocos limites sob um ponto de vista institucional, o desafio da crítica atual consiste, portanto, em reconhecer as forças que agitam ou agitaram a cena cultural do Brasil, e que são seus limiares de sentido situados muito além da costumeira análise institucional.

Palavras-chave: Institucionalização. Disseminação. Arte contemporânea.

UM ROMANCE DE RECONCILIAÇÃO

Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres é o sexto romance de Clarice Lispector, publicado em 1969. Este livro é o imediatamente posterior ao romance *A paixão segundo G.H.*, lançado pela autora em 1964 e, por conseguinte, retoma questões que estiveram presentes na obra anterior. Uma questão latente na obra de 1964 é a da reconciliação entre o ser humano e o ser não-humano: G.H., a personagem que narra o romance, leva essa reconciliação ao extremo e chega ao ponto de deglutir uma barata.

Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres (utilizaremos, a partir daqui, a sigla UALP para a obra) é também um romance de reconciliação, o que já se percebe a partir de sua própria estrutura formal, em grande parte constituída por diálogos. Essa palavra, diálogo, inclusive, nos diz muito sobre a natureza desse romance: *diá-* é o prefixo grego que diz “entre” e *logos* é uma palavra cuja acepção original hoje se perdeu, não sendo possível sua tradução exata em português. Sabe-se, entretanto, que *logos* deriva do verbo grego *legein*, como Martin Heidegger (1999) informa: “*Lego, legein*, em latim *legere*, é a mesma palavra como a alemã, *lesen* (ler) [...] *Lesen* significa por uma coisa ao lado de

* Graduação em Letras - habilitação em língua portuguesa (licenciatura). Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: anaferreira.t@gmail.com.

** Professor adjunto do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade. Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na área de Teoria Literária. E-mail: maximoferraz@gmail.com.

outra, juntá-las num conjunto, numa síntese: coligir, reunir” (HEIDEGGER, 1999, p. 149). A ideia que se apreende da palavra é, portanto, a de união, conjunto, reunião. O fragmento 51 do filósofo Heráclito de Éfeso também pode esclarecer que o *logos* tem esse sentido: “Se não me tendes ouvido a mim mas o *Logos*, então é sábio dizer-se, portanto: ‘um é tudo’” (HERÁCLITO apud HEIDEGGER, 1977, p. 153).

O romance aqui estudado é, portanto, uma reconciliação, mas com o quê? Propomos que essa reconciliação se dá em duas vias: com os outros seres humanos e com o Sagrado¹. Neste artigo, busca-se interpretar essa última reconciliação. Antes de discorrer sobre essa questão, apresentar-se-á o enredo do romance. Depois, em diálogo com as noções de Sagrado de Georges Bataille (1993), Mircea Eliade (1992) e Soren Kierkegaard (apud ALMEIDA, 2009), desenvolveremos a leitura de como UALP desvela a questão do Sagrado. Esse viés de leitura do romance aqui interpretado, como aponta Marília de Almeida, é até agora pouco visado: “a atenção esteve quase sempre voltada para o relacionamento entre Lóri e Ulisses ou para as ressonâncias míticas nele presentes” (ALMEIDA, 2009, p. 49). Consideramos importante citar, também, o trabalho de Renata Tavares *Do silêncio à liberdade*, que nos permitiu ler UALP a partir do viés dialogal.

UMA APRENDIZAGEM PELO DIÁLOGO

Ulisses, professor universitário de filosofia, conhece e se interessa por Lóri, que é professora de crianças. O sentimento é mútuo, porém a vontade dele é a de que ela primeiramente seja autêntica, aceite seus sentimentos e retire a “máscara” que ela usava em sociedade. Como o narrador onisciente e anônimo da obra bem define, “era como se ele quisesse que ela aprendesse a andar com as próprias pernas e só então, preparada para a liberdade por Ulisses, ela fosse dele” (LISPECTOR, 1982). Esta metáfora das pernas, aliás, já tinha sido apresentada no romance *A paixão segundo G.H.*, quando a protagonista indicada pelas iniciais relata que, antes de passar pela experiência que modificaria sua vida – o transe místico e epifânico que teve a partir da deglutição da barata –, parecia andar com uma perna a mais que suas duas pernas. Nesta terceira perna G.H. se apoiava, mas também a impedia de caminhar: ela não se sentia independente, não conseguia ser autêntica, assim como Lóri.

Quando Ulisses propõe o autoconhecimento à professora, como condição para que ficassem juntos, ela fica receosa, pois a pergunta “quem sou eu?” era a mais amedrontadora. Entretanto, após alguns diálogos com Ulisses e algumas experiências de caráter igualmente epifânico, Lóri pouco a pouco passa a entender que é necessário se conhecer melhor para poder se entregar aos outros. O fim do romance é quando finalmente as duas personagens dormem juntas. A história de Lóri é, portanto, uma Travessia, pois, assim como acontece em outros romances, tais como *O lobo da estepe* e *Demian*, de Hermann Hesse, *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e até mesmo

¹ Optou-se por grafar com letra maiúscula palavras como Sagrado, Amor, Silêncio, Liberdade, Humano etc., porque são palavras-questões, uma vez que seu sentido não se esgota em nenhuma definição, por isso mesmo permitindo uma abertura ao pensamento. Elas se destacam entre outras palavras corriqueiras e concretas.

o já citado *A paixão segundo G.H.*, a personagem passa de uma situação aparentemente estável para um momento de crise, até que se percebe, pelo autoconhecimento, em uma jornada da vida que não tem um ponto final. Manuel de Castro diz a respeito da Travessia que ela é escuta do Silêncio que é o Ser: “A escuta é a própria travessia: a possibilidade de fazer da fala do silêncio a eclosão do sentido do que se é. A travessia é fazer eclodir no cotidiano o extraordinário”.

A BUSCA PELO DIVINO

É um dos diálogos com Ulisses que desencadeia a busca de Lóri pelo Sagrado, por meio do Divino. Nesse encontro, ela confessa a ele que tem sido o grande obstáculo em sua aprendizagem:

[...] existe um grande, o maior obstáculo para eu ir adiante: eu mesma. Tenho sido a maior dificuldade no meu caminho. É com enorme esforço que consigo me sobrepor a mim mesma. [...] Sou um monte intransponível no meu próprio caminho. Mas às vezes por uma palavra tua ou por uma palavra lida, de repente tudo se esclarece (LISPECTOR, 1982, p. 55-6).

Ulisses, que não é religioso, dá uma sugestão inusitada. Ele pergunta se ela sabe rezar, e se nessa reza ela não pode “pedir a si mesma, pedir o máximo a si mesma” (*Idem*). Esse pedir por si mesma já é pedir uma intervenção do Sagrado, segundo Kierkegaard. Para o autor, de acordo com Marília de Almeida, a busca de si mesmo é a busca do divino que reside no próprio:

Em Kierkegaard a busca de si é um movimento da liberdade, guiado pela meta inatingível de dizer eu a partir de si mesmo de forma absoluta, meta proposta por Ulisses a Lóri. Ao aproximar-se da interioridade, entretanto, o humano defronta-se com o divino, que aí reside, o que faz com que, ao buscar conhecer-se, o indivíduo se encontre na posição de dever conhecer Deus (ALMEIDA, 2009, p. 63).

Essa noção aparece, inclusive, em uma reflexão feita no romance: “Qual fora o apóstolo que dissera de nós: vós sois deuses?” (LISPECTOR, 1982, p. 144).

Após ouvir o conselho do amado, Lóri se preparou longamente para rezar. Essa primeira oração proferida por ela é precedida da descrição dessa preparação. Nela, se observa a repetição do verbo “pedir”:

Como se o que fosse pedir a si mesma e ao Deus precisasse de muito cuidado: porque o que pedisse, nisso seria atendida. [...] Pedir? Como é que se pede? E o que se pede? Pede-se vida? Pede-se vida. [...] Às cegas teria que pedir. Mas ela queria que, se fosse às cegas, pelo menos entendesse o que pedisse. Ela sabia que não devia pedir o impossível: a resposta não se pede. [...] Ela preferia pedir humilde [...] Não, não devia pedir mais vida (LISPECTOR, 1982, p. 57-8).

Olga de Sá (2004) atribui a referida repetição vocabular a uma tentativa de se evidenciar o vazio do Ser e a impossibilidade de a linguagem expressar a vida. Aqui, porém, entendemos que essa repetição do *pedir* traduz a ânsia de Lóri por querer uma

resposta, um sinal do Deus. No trecho acima, também localizamos algo que Lóri já teria “aprendido” com G.H.: não se pede a resposta, ou seja, a resposta do que é a vida, mas como a vida é uma questão, sempre se retorna à questão mesma. Como está no romance de 1964: “a explicação de um enigma é a repetição do enigma” (LISPECTOR, 2009, p. 134).

A prece de Lóri parece desconexa, mas é atravessada por profunda angústia metafísica. Assemelha-se mais a um turbilhão de pensamentos desencadeados pela procura de um modo mais autêntico de ser:

alivia a minha alma, faze com que eu sinta que Tua mão está dada à minha, faze com que eu sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos na eternidade, faze com que eu sinta que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte, faze com que eu sinta uma alegria modesta e diária, faze com que eu não Te indague demais, porque a resposta seria tão misteriosa quanto a pergunta, faze com que me lembre de que também não há explicação porque um filho quer o beijo de sua mãe e no entanto ele quer e no entanto o beijo é perfeito, faze com que eu receba o mundo sem receio, pois para esse mundo incompreensível eu fui criada e eu mesma também incompreensível, então é que há uma conexão entre esse mistério do mundo e o nosso, mas essa conexão não é clara para nós enquanto quisermos entendê-la, abençoa-me para que eu viva com alegria o pão que eu como, o sono que durmo, faze com que eu tenha caridade por mim mesma pois senão não poderei sentir que Deus me amou, faze com que eu perca o pudor de desejar que na hora de minha morte haja uma mão humana amada para apertar a minha, amém (LISPECTOR, 1982, p.58-9).

Atente-se para um trecho dessa prece que comunica a noção de Sagrado: “para esse mundo incompreensível eu fui criada e eu mesma também incompreensível, então é que há uma conexão entre esse mistério do mundo e o nosso, mas essa conexão não é clara para nós enquanto quisermos entendê-la”. Neste e nos outros romances da autora, o mundo é entendido não como uma entidade organizada racionalmente, mas antes como um todo em que interagem caos e cosmos. Esse caos, entretanto, não tem sentido nefasto. Mayara Guimarães (2009), em sua interpretação de APSGH, entende que no romance as dualidades antagônicas, entre elas, caos x cosmos, deixam a dualidade e se associam: “com a abdicação dos dualismos antagônicos identificados nos pares caos x cosmos, [...] cede-se espaço ao indelimitado, que não diferencia os opostos porque age a partir de sua interação” (GUIMARÃES, 2009, p. 32). Em UALP, não é diferente. O mundo é incompreensível, mas essa incompreensibilidade também está no humano, e nisto reside o Sagrado, como esfera que ultrapassa o homem e do qual é doação. A incompreensão, neste caso, não é uma deficiência, mas, sim, uma riqueza: é o não-saber que impulsiona o próprio homem como questão e procura, não somente do sentido do mundo, mas como questão para si mesmo.

Em um momento, após o excerto da reza a Deus, o leitor passa a saber como Lóri se desligara do Deus que fora a ela ensinado. Aquele “feito à sua própria imagem, parecia-se demais com ela” (LISPECTOR, 1982, p. 68). Ela tinha uma grande revolta em relação a esse Deus, a ponto de já não conseguir entrar em uma igreja sequer. O seu novo Deus, tido como o verdadeiro, era incompreensível para ela, justamente porque não podia mais ser humanizado. Agora, ela teria que lidar com o silêncio diante de suas súplicas: “De agora em diante, se quisesse rezar, seria como rezar às cegas ao cosmo e ao Nada”

(LISPECTOR, 1982, p. 68). Entretanto, “o que era um Nada era exatamente o Tudo” (LISPECTOR, 1982, p. 69). Esse Nada que é Tudo significa: trata-se de um Nada que não é nulificante, muito ao contrário. Como diz Castro, “o nada é sempre, como possibilidade de e para possibilidades, doação de novas realizações” (CASTRO). Mayara Guimarães, sobre a noite em APSGH, fala que é “apresentada como espaço do vazio, do não-ser, da morte, do nada, revela-se na obra clariciana como espaço fundador do ser e da escrita” (GUIMARÃES, 2009, p. 28). Sendo origem, abertura para a criatividade, o Nada é o Deus que Lóri redescobre.

Após a reza, Lóri conclui que precisa primeiramente encontrar seu próprio caminho para que pudesse passar para os outros, doar-se: “sabia de uma coisa: quando estivesse mais pronta, passaria de si para os outros, seu caminho era os outros” (LISPECTOR, 1982, p. 59).

A MULHER E O MAR

Uma das formas de Lóri buscar seu caminho foi a reconciliação com a natureza. Começou em certa noite, logo após mais um encontro com seu amado. Naquele encontro, a protagonista sentiu, pela primeira vez, a felicidade, porém ela não a quis: “Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia [...]. A quem dou minha felicidade”, interroga-se (LISPECTOR, 1982, p. 77). À felicidade, ela preferia a mediocridade, por isso se despediu rapidamente de Ulisses e foi para casa.

“Era uma noite muito bonita: parecia com o mundo. O espaço escuro estava todo estrelado, o céu em eterna muda vigília. E a Terra embaixo com suas montanhas e seus mares” (LISPECTOR, 1982, p. 79). A perspectiva de Lóri acerca do mundo natural, ou seja, aquele não construído pelo homem, é descrita em grandes proporções, o que indica como ela sentia pequena a espécie humana. O espaço celeste, inclusive, é propício a uma experiência sagrada, ou, como Eliade nomeia, religiosa:

A simples contemplação da abóbada celeste é suficiente para desencadear uma experiência religiosa. O Céu revela-se infinito, transcendente. É por excelência o *ganz andere* diante do qual o homem e seu meio ambiente pouco representam. A transcendência revela-se pela simples tomada de consciência da altura infinita. O “muito alto” torna-se espontaneamente um atributo da divindade. As regiões superiores inacessíveis ao homem, as zonas siderais, adquirem o prestígio do transcendente, da realidade absoluta, da eternidade (ELIADE, 1992, p. 60).

UALP é rico em vocábulos de campo semântico do celeste. Mais adiante, ele será abordado neste trabalho.

Diante de sua pequenez, Lóri ainda tentava se manter na mediocridade humana, aquela da qual Ulisses lhe falara e à qual sempre procurara se ater, a fim de olvidar seus sentimentos, porém “era tarde: ela já ansiava por novos êxtases de alegria ou de dor” (LISPECTOR, 1982, p. 80). Lóri, ao buscar seu próprio caminho, busca seu limite. Fábio Galera considera que “o que nos caracteriza como humanos é justo o elo de superação e

imposição dialética entre não-limite e limite” (GALERA, 2014, p. 135). A existência de um limite já indica uma posição não-antropocêntrica, uma vez que, se o ser humano fosse o centro do universo, nada poderia impor a ele um limite. Entretanto, a busca pelo limite deixa subentendida a presença de algo além do humano. E isso era temido por Lóri, como concebe Almeida: “Lóri teme a aprendizagem porque esta pode levá-la para além de si mesma, para um defrontar-se com o que a ultrapassa radicalmente” (ALMEIDA, 2009, p. 58).

Lóri adquire a noção de seu limite a partir de seu contato com o mar, ou, como precisaremos aqui, o diálogo com o mar. O mar é imensidão, diferentemente do rio, cujas margens, em geral, não são muito distantes uma da outra. Enquanto a “água doce” tem limites, assim como o Humano, a “água salgada” é sem limites. O que não tem limites é aquilo que não conhecemos nem somos capazes de conhecer, ou seja, é velamento contínuo: o Nada. É diante dele que Lóri reatará o diálogo com a natureza, a qual faz parte, assim como o Deus, do Sagrado em UALP. Nosso entendimento do Sagrado mantém relação com o conceito dessa palavra para Bataille. O autor entende o sagrado como uma esfera de continuidade das coisas, ao passo que o profano, o mundo dos humanos, apresenta, para o autor, um aspecto de descontinuidade. Gina Strozzi, sobre o entendimento de Bataille acerca do Sagrado, diz: “O sagrado, para Bataille, é a recuperação da intimidade entre o homem e o mundo, entre o sujeito e o objeto” (STROZZI, 2007, p. 66 apud OLIVEIRA, 2015, p. 32). Enquanto o animal vive a imanência, ou seja, não se diferencia como sujeito em relação ao objeto, o humano transcende, ou seja, se diferencia dos demais:

É na medida em que os instrumentos são elaborados com vistas a seu fim que a consciência os coloca como objetos, como interrupções na continuidade indistinta. O instrumento elaborado é a forma nascente do não-eu (BATAILLE, 1993, p. 15).

A partir do uso do instrumento, a natureza passa a pertencer ao humano, mas este é alienado dela ao mesmo tempo. O autor, em uma posição radical, defende que, ao negar a natureza, o homem nega o mundo, e, por conseguinte, nega a si mesmo: “Se ele põe o mundo sob seu poder, é na medida em que esquece que ele próprio é o mundo: ao negar o mundo é ele mesmo que é negado” (BATAILLE, 1993, p. 21). A separação da qual o antropólogo fala parece ser sentida por Lóri no trecho do romance que narra o dia anterior ao mergulho no mar: “Lóri estava triste. Não era uma tristeza difícil. Era mais como uma tristeza de saudade. Ela estava só. Com a eternidade à sua frente e atrás dela. O humano é só” (LISPECTOR, 1982, p. 79).

Quando Lóri vai à praia, de manhã cedo, e entra na água do mar, descreve-se como em um ritual de iniciação, um batismo de água. No âmbito da mitologia judaico-cristã, o batismo de água é realizado como uma maneira de iniciação à vida, uma vez que Deus, durante o Gênesis, faz com que seja fecundada a água, onde surgem os primeiros animais: “E Deus disse: ‘Que ferverhem as águas um fervilhar de seres vivos’” (BÍBLIA, Gênesis, 1: 20). O sal da água fertiliza Lóri: “de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda! O sal, o iodo, tudo líquido deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, fertilizada” (LISPECTOR, 1982, p. 84). Olga de Sá observa outra relação entre a

Bíblia e UALP, a do contato entre o mar e Lóri, desta vez uma reversão paródica, quando o narrador fala que Lóri caminha dentro das águas milênios depois de haverem feito o mesmo, referindo-se ao episódio bíblico em que Jesus Cristo sobre elas caminhou: “Não está caminhando sobre as águas – ah nunca faria isso depois que há milênios já haviam andado sobre as águas” (LISPECTOR, 1982, p. 86). Lóri continua o ritual e, em mais uma semelhança com G.H., ingere a água salgada: “com a concha das mãos cheias de água, bebe-a em goles grandes, bons para a saúde de um corpo” (LISPECTOR, 1982, p. 85). Eliade aponta que a simbologia religiosa da água tem relação com o renascimento, pois, ao se dissolver algo no líquido aquático, origina-se uma nova vida:

As águas simbolizam a soma universal das virtualidades: são *fons et origo*, o reservatório de todas as possibilidades de existência; precedem toda forma e sustentam toda criação. [...] A emersão repete o gesto cosmogônico da manifestação formal; a imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento (ELIADE, 1992, p. 65).

Assim, pode-se entender que o encontro com a água marinha diz sobre a reconciliação sacra por três motivos: em primeiro lugar, devido à imensidão e aparente falta de limite da água, em contraposição ao humano, caracterizado por sempre estar em um limite no tempo e no espaço; em segundo lugar, a água é símbolo de renascimento e fertilidade; por fim, a água faz parte do não-humano, da natureza que o homem moderno procura dominar – mas, assim procedendo, termina dela se alienando. É possível ainda retomar o pensamento de que a natureza é questão, portanto, mistério que, como tal, é ininteligível, como diz o romance:

Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não-humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fizera um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornara-se o mais ininteligível dos seres onde circulava sangue. Ela e o mar (LISPECTOR, 1982, p. 83).

COSMOS E CORPO

O diálogo com os elementos siderais em UALP não se dá diretamente na fala de Lóri ou Ulisses, mas na descrição da paisagem. Entre esses elementos estão o cosmos, a lua, o espaço escuro, as estrelas, o sol, os planetas, o mundo. Ao compararmos a descrição nesse romance com a de *A paixão segundo G.H.*, percebe-se que este é bastante telúrico. Seus elementos remetem à terra, à lama. Há a presença fundamental de um inseto e G.H. se descreve em determinado momento como se estivesse no inferno. O movimento do romance é de queda, uma vez que, em seu início, o leitor conhece G.H. como uma escultora de vida abastada que vive em uma cobertura de um edifício, e ela se orgulha de seu estado. Em UALP ocorre o contrário. Logo no começo já se faz uma ideia da insegurança e do medo que Lóri tem em perder Ulisses. Ela mora sozinha no Rio de Janeiro, tendo deixado a riqueza em que vivia com os pais no interior. Além disso, é professora de crianças pequenas, o que também contribui para um matiz de humildade no que toca à personagem. Ao longo do romance, Ulisses convida Lóri a ser feliz e a sair do

pequeno campo de convívio que tinha, e abrir-se. O movimento da obra, portanto, é ascendente, ao contrário do anterior. As descrições com elementos siderais e celestes confere ao romance um viés de ascensão.

Além de contribuir para o movimento simbólico de subida a um novo plano de entendimento, os elementos celestes estão também ligados à tônica reconciliatória com o Sagrado, presente no texto. Diz o narrador: “Lóri passara da religião de sua infância para uma não-religião e agora passara para algo mais amplo: chegara ao ponto de acreditar num Deus tão vasto que ele era o mundo com suas galáxias” (LISPECTOR, 1982). É possível, aqui, perceber como os elementos siderais têm relação com o divino. E, neste ponto, é interessante notar a diferenciação entre a religião e o Sagrado. O Sagrado não se esgota em nenhuma religião. Ao contrário, é a fonte de todas elas. O Sagrado se doa em cada diferente religião se retraindo como Sagrado, por isso mesmo constituindo o acervo do Nada dispensador de possibilidades de mundo – o Nada que é tudo e de que tudo vem. Lóri sai do confinamento religioso e se expande para a totalidade do divino da vida, de seu valor sagrado, ao se abrir para a imensidão do cosmos, onde predomina o vazio do desconhecido – desconhecido também de si mesma.

Neste ponto, é pertinente sondar o que diz a palavra *cosmos*, a qual, juntamente com *cósmico*, aparece nove vezes no romance. Segundo Eliade, as sociedades tradicionais faziam a divisão entre Cosmos, o mundo familiar, o “nosso mundo”; e caos, aquilo que não fazia parte desse mundo. O Cosmos é o lugar onde o Sagrado já se manifestou e “o momento religioso implica o ‘momento cosmogônico’: o sagrado revela a realidade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a orientação – portanto, funda o mundo, no sentido de que fixa os limites e, assim, estabelece a ordem cósmica” (ELIADE, 1992, p. 21). Encontra-se, no romance, o sentido do Cosmos como a conjuntura do mundo no exerto em que as duas personagens centrais estão em uma piscina:

Olhou para as mesinhas com pára-sol dispostas em torno da piscina: pareciam sobrepassar na homogeneidade do cosmo. Tudo era infinito, nada tinha começo nem fim: assim era a eternidade cósmica. Daí a um instante a visão da realidade se desfazia, fora apenas um átimo de segundo, a homogeneidade desaparecia e os olhos se perdiam numa multiplicidade de tonalidades ainda surpreendentes: à visão aguda e instantânea seguira-se algo mais reconhecível na terra. Quanto a Ulisses, nessas novas cores que enfim Lóri tinha a capacidade de ver, quanto a Ulisses estava agora a um tempo sólido e transparente, o que o enriquecia de ressonâncias e esplendor. Podia-se chamá-lo de um homem belo (LISPECTOR, 1982, p. 72-3).

Lóri tem, de súbito, uma visão do que seria o Cosmos: homogêneo e eterno, ou seja, tudo se nivelava nessa eternidade cósmica. Em outro momento, Lóri alude à grande condição do Universo em relação à sua pequena condição como humana:

E pelo mesmo fato de se haver visto ao espelho, sentiu como sua condição era pequena porque um corpo é menor que o pensamento — a ponto de que seria inútil ter mais liberdade: sua condição pequena não a deixaria fazer uso da liberdade. Enquanto a condição do Universo era tão grande que não se chamava de condição (LISPECTOR, 1982, p. 19).

Aqui podemos adentrar em outra questão que permeia o romance: a relação entre a esfera macro, o Cosmos, e a esfera micro, o corpo. Se os elementos siderais e não-humanos se apresentam de modo a engrandecer e aumentar o romance semanticamente, o elemento humano é apresentado como aquilo que é pequeno, individual:

Por ter de relance se visto de corpo inteiro ao espelho, pensou que a proteção também seria não ser mais um corpo único: ser um único corpo dava-lhe, como agora, a impressão de que fora cortada de si própria. Ter um corpo único circundado pelo isolamento, tornava tão delimitado esse corpo, sentiu ela, que então se amedrontava de ser uma só (LISPECTOR, 1982, p. 18-9).

Também observamos essa conotação do corpo quando Lóri se considera um “ínfimo corpo vazio e doloroso” (LISPECTOR, 1982, p. 41), ou no momento em que Ulisses fala a ela: “Você, além de esconder o que se chama alma, tem vergonha de ter um corpo” (LISPECTOR, 1982, p. 71). Por fim, no momento em que Lóri entra no mar, a pequenez de seu corpo em confronto com a vastidão do mar também se faz perceber:

Seu corpo se consola de sua própria exigüidade em relação à vastidão do mar porque é a exigüidade do corpo que o permite tornar-se quente e delimitado, e o que a tornava pobre e livre gente, com sua parte de liberdade de cão nas areias. Esse corpo entrará no ilimitado frio que sem raiva ruge no silêncio da madrugada (LISPECTOR, 1982, p. 83-4).

Do que está dito acima, poder-se-ia concluir que no romance reafirma-se uma oposição: a de Cosmos, em sua imensidão ilimitada, e a de corpo, em seus limites. Todavia, isso não procede, pois há a união dos corpos de Ulisses e Lóri no final do livro, e tal enlace amoroso confere às duas individualidades uma entidade una, ou seja, um Cosmos: a partir dessa união se dá uma cosmogonia, o surgimento de um novo mundo. Como Lóri fala ao amado no final do livro: “Você tinha me dito que, quando me perguntassem meu nome eu não dissesse Lóri, mas ‘Eu’. Pois só agora eu me chamo ‘Eu’. E digo: eu está apaixonada pelo teu eu. Então nós é. Ulisses, nós é original” (LISPECTOR, 1982, p. 165). Além disso, a união erótica tem um sentido divinal para Ulisses:

Nós, como todas as pessoas, somos deuses em potencial. Não falo de deuses no sentido divino. Em primeiro lugar devemos seguir a Natureza, não esquecendo os momentos baixos, pois que a Natureza é cíclica, é ritmo, é como um coração pulsando. Existir é tão completamente fora do comum que se a consciência de existir demorasse mais de alguns segundos, nós enlouqueceríamos. A solução para esse absurdo que se chama “eu existo”, a solução é amar um outro ser que, este, nós compreendemos que exista (LISPECTOR, 1982, p. 168-9).

Para Mayara Guimarães, em UALP a figura mítica de Eros, divindade grega do amor e da união, aparece na tentativa de “recuperar a relação homem-natureza a partir da dimensão sensória recobrada pelo contato com o desejo” (GUIMARÃES, 2009, p. 116). Assim, é possível considerar que a dimensão erótica no citado romance também contribui na reconciliação com o Sagrado.

UM ROMANCE SEM CONCLUSÃO

Algo que salta aos olhos logo que se lê pela primeira vez UALP é o fato de o romance iniciar de súbito com uma vírgula e terminar com dois pontos que anunciariam uma fala de Ulisses, mas que não é concluída. Esse aspecto formal do texto pode remeter a um desejo de continuidade, o que também deve ser considerado como manifestação do Sagrado na obra. Como escreve Bataille, o sentimento de continuidade é o que caracteriza o Sagrado.

O que procuramos demonstrar neste artigo é como tal continuidade figura no romance clariceano de 1969. Ela acontece na busca de Lóri por um novo Deus, o qual se caracteriza por tudo abarcar e por sua vastidão impessoal; no contato com a Natureza não-humana, na passagem do mergulho no mar; na presença de um vocabulário que remete ao surgimento do mundo, a uma cosmofania; por fim, na união com Ulisses, o outro humano, o complemento de Lóri.

Nossa época, desde o Iluminismo, está marcada pela dessacralização do mundo. Tal fenômeno atinge todos os campos da vida contemporânea, com a instrumentalização da natureza e do próprio homem, os quais passam a valer apenas como recursos naturais ou humanos. E mesmo a expansão do fenômeno religioso, algo que se pode perceber nos últimos decênios, não garante a preservação ou o resgate do Sagrado, pois é possível ser religioso de modo instrumental, buscando obter vantagens inclusive materiais como signo de sucesso na vida, tal qual acontece em muitas denominações religiosas. No romance de Clarice se percebe, portanto, uma crítica à razão instrumental contemporânea através do resgate não do fenômeno religioso, e, sim, do Sagrado, como questão que se dirige ao homem em todas as esferas da vida, da procura do próprio e da realização como ser humano à experiência amorosa. Daí o inegável potencial crítico e libertário que a obra encerra.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marília Murta de. *Um Deus no tempo ou um tempo cheio de Deus: Um estudo sobre o temporal e o eterno em Clarice Lispector*. Dissertação (Mestrado). UFMG. 2009.
- BATAILLE, Georges. *Teoria da religião*. Tradução: Sergio Goes de Paula e Viviane de Lamare. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- CASTRO, Manuel Antônio. *Nada*. In: <<http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Nada>> Acesso 20 jul 2016.
- _____. *Travessia*. In: <<http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Travessia>> Acesso 16 jul 2016.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERRAZ, Antônio Máximo. O que é uma questão? *Revista Litteris - Ciências Humanas – Filosofia*. n. 6, nov. 2010.
- GALERA, Fabio. Limite. In: CASTRO, Manuel Antônio de... [et. al.] (coord.)/(org.). *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- GUIMARÃES, Mayara Ribeiro. *Clarice Lispector e a deriva dos continentes: da descoberta do mundo à encenação da escrita*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). UFRJ. Março de 2009. UFRJ
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. 4 ed. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- TORRES, Ana Maria Ferreira; FERRAZ, Antônio Máximo Gomes. A reconciliação entre o humano e o sagrado em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, de Clarice Lispector. *Crítica Cultural – Critic*, Palhoça, SC, v. 12, n. 1, p. 149-159, jan./jun. 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres.* 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

OLIVEIRA, Cleide Maria de. *Literatura e Sagrado: Algumas reflexões a partir do pensamento de Georges Bataille.* Revista Estação Literária, Londrina, v. 13, p. 24-39, jan. 2015.

SÁ, Olga de. *A reversão paródica da solidão na felicidade a dois: o signo banalizado, sublimado: Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres.*, 1969. In: _____. Clarice Lispector: a travessia do oposto. 3 ed. São Paulo: Annablume, 2004. p. 157-197.

Recebido em 19/01/2017. Aprovado em 12/04/2017

Title: *The reconciliation between Human and Sacred in Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*

Author: *Ana Maria Ferreira Torres e Antônio Máximo Gomes Ferraz*

Abstract: *This paper intends to interpret how the reconciliation of the Human with the Sacred in the Clarice Lispector's novel Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres. We propose that the Lori character, to seek knowledge of herself, searches the Sacred, which is not only the discovery of a new God for Lori, but the description of outer nature elements on the novel. About the question Sacred, we conducted a dialogue with Georges Bataille, Mirceas Eliade and Søren Kierkegaard. About the romance interpreted in this paper, we dialogue with the works of Mayara Guimarães, Marília Almeida, Renata Tavares and Olga de Sá. The methodology adopted here is the phenomenological hermeneutic reading: listening to the questions brought in the literary work. Such interpretation follows the understanding of Martin Heidegger, Manuel de Castro and Antonio Ferraz.*

Keywords: *Sacred. God. Dialogue. Clarice Lispector.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.